

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRAMÁTICA DA LÍNGUA
PROTUGUESA: REFLEXÃO E ENSINO
NAYARA GABRIELE SANTOS

A variação do modo imperativo no português brasileiro na escrita de estudantes das
escolas públicas de Belo Horizonte.

Orientador: Prof. Dr. Adriane Sartori

Belo Horizonte
2016

NAYARA GABRIELE SANTOS

A variação do modo imperativo no português brasileiro na escrita de estudantes das escolas públicas de Belo Horizonte.

Monografia apresentada ao Curso de especialização em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Belo Horizonte

2016

“Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”

(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me ilumina e sustenta.

Ao CEGRAE, pela oportunidade de realizar este curso.

A todos os professores do curso de especialização, por contribuir, de forma inestimável, para minha formação.

Expresso o meu profundo e sincero agradecimento à professora Adriane T. Sartori, pela excelente orientação, por compartilhar a experiência, pelo apoio e estímulo.

À minha família – meus pais, Elbes e Marilda, minhas irmãs Amanda e Thâmara – pelo auxílio, pela compreensão, pelo carinho e incentivo nos momentos difíceis.

Ao meu parceiro Alex, pela paciência, pela compreensão, pelo companheirismo, pelo carinho e incentivo.

Às minhas amigas Andressa, Fernanda e Graciele, pelo suporte, carinho e incentivo.

À minha amiga Juliane, pelo carinho.

Aos colegas do curso, pelos momentos compartilhados e pela amizade.

À Rosana, pela amizade, por compartilhar as risadas e lamentos.

À Neila, por todo o apoio.

RESUMO

Esta monografia consiste na análise da variação no uso do imperativo no português brasileiro na escrita dos estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte. A pesquisa foi desenvolvida com vinte alunos do terceiro ciclo, que participaram de uma oficina desenvolvida pela biblioteca do local frequentado por eles para a realização das atividades da educação integral. A atividade, promovida pela biblioteca, consistia em uma oficina sobre cuidados com livro, em que os alunos elaboraram, como produto, um cartaz que diz respeito às ações que devemos ter para preservar a vida útil do livro. O texto produzido pelos estudantes, que compunha o cartaz, gerou o *corpus* desse trabalho. Os dados foram analisados sob a perspectiva qualitativo-interpretatista e sob o olhar das pesquisas variacionistas desenvolvidas por Scherre (2007). Dois aspectos foram observados nesse trabalho. A polaridade, que revelou ser um importante fator que contribui para a alternância das formas associadas ao imperativo, e a variante sexo, que evidenciou a preferência dos usuários da língua por uma forma, apesar das variações encontradas. Os alunos também participaram de uma conversa informal, a fim de percebermos qual o conhecimento deles do modo imperativo e como eles se apropriaram desse saber. Essa pesquisa se encaminhou para maior uso do imperativo associado ao subjuntivo.

Palavras-chave: modo imperativo, variação, escrita de estudantes.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Forma do imperativo	04
QUADRO 2: Verbos encontrados na escrita dos alunos	24
QUADRO 3: Dados da entrevista com as alunas que participaram da oficina	32
QUADRO 4: Dados da entrevista com os alunos que participaram da oficina	34

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição do imperativo verdadeiro/imperativo supletivo em função do contraste entre frase afirmativa vs. frase negativa em função dos dados do Rio de Janeiro, Salvador e Recife.....	12
TABELA 2: Frequência de uso do imperativo na forma indicativa em função da polaridade das estruturas	13
TABELA 3: Efeito da presença ou ausência de vocativo no uso do imperativo associado à forma indicativa em diálogos de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> – contexto discursivo do pronome <i>você</i>	16
TABELA 4: Porcentagem da ocorrência dos verbos	25
TABELA 5: Frequência de uso do modo imperativo associado ao subjuntivo e do imperativo associado ao indicativo na escrita dos alunos	26
TABELA 6: Forma da expressão do imperativo observada na escrita dos alunos	28
TABELA 7: Frequência de frases imperativas afirmativas e frases imperativas negativas nas produções escritas dos alunos	28
TABELA 8: Frequência da forma subjuntiva nas frases imperativas afirmativas	29
TABELA 9: Frequência da forma subjuntiva nas frases imperativas negativas	30
TABELA 10: Uso do imperativo pelos alunos do sexo masculino	31
TABELA 11: Uso do imperativo pelos estudantes do sexo feminino	31

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução	01
Capítulo 2: Fundamentação Teórica.....	04
2. O modo imperativo.....	04
2.1. Expressão do modo imperativo no português brasileiro contemporâneo	05
2.2. Aspectos linguísticos	07
2.2.1. Aspectos morfológicos	07
2.2.2. Aspectos gramaticais	11
2.2.2.1. Polaridade	11
2.2.2.2. Ausência/presença do pronome <i>tu/você</i>	15
2.3. Âncoras discursivas	16
Capítulo 3: Metodologia	19
3.1. Análise de dados	22
3.1.1. A expressão do modo imperativo na escrita dos estudantes	22
3.1.2. Análise da polaridade e da variante sexo.....	27
3.1.2.1. Polaridade	27
3.1.2.1.1. Polaridade afirmativa	29
3.1.2.1.2. Polaridade negativa	29

3.1.2.2. Variante Sexo	30
3.2. Estudo do imperativo em aulas de língua portuguesa, conforme os alunos	32
3.3. Casos especiais	35
Capítulo 4: Considerações finais	37
Referências.....	43
Anexo 1	44
Anexo 2.....	45
Anexo 3	46
Anexo 4	47

Capítulo 1: Introdução

Atualmente, no português brasileiro contemporâneo, é possível observar que os falantes, sobretudo os da região Sudeste, realizam o modo imperativo da seguinte forma: *Pega o jornal para mim, por favor*. Ocorre que a referida região é um contexto de uso quase exclusivo do pronome *você*, portanto, do ponto de vista da gramática tradicional, essa construção deveria ser realizada com verbo conjugado no presente do subjuntivo, ou seja, deveria realizar-se como *Pegue o jornal para mim, por favor*. A tradição gramatical prescreve que o modo imperativo é formado pelos tempos presente do indicativo e presente do subjuntivo, sendo que, para a segunda pessoa do singular e do plural (tu e vós), o imperativo se associa ao presente do indicativo com a supressão do –s final. As outras pessoas (você, ele/ela, nós, vós, vocês, eles/elas) se associam ao presente do subjuntivo para formar o imperativo, bem como o imperativo negativo.

Como bem sabemos, a gramática tradicional nem sempre reflete a realidade da língua, pois, como foi mostrado, o português brasileiro contemporâneo já apresenta outra configuração para o uso do imperativo. Estudos revelam que sentenças como *Pega o jornal para mim, por favor*, são muito frequentes. Scherre (2007) evidenciou o uso de 90% do imperativo associado ao indicativo (olha/anda/faz) na fala das regiões Sudeste e Centro-Oeste. No Nordeste, esse uso é de cerca de 50% na fala de Recife, podendo atingir 30% em Salvador, João Pessoa e Fortaleza, áreas de predomínio do imperativo associado ao subjuntivo (olhe/ande/faça). No Sul, com exceção da cidade de Lages, predomina o uso do imperativo associado ao indicativo.

As pesquisas de Scherre (2007) ainda revelam que os usuários da língua têm alternado a forma indicativa e a forma subjuntiva para expressar o imperativo, sem observar se o contexto é do pronome *tu* ou do pronome *você*. Segundo a pesquisadora, isso também ocorre na escrita, ela evidenciou o fato ao pesquisar o uso do imperativo na escrita de revistas em quadrinhos, onde encontrou uma frequência de uso de 72% do imperativo associado ao indicativo.

Diante do exposto, podemos observar que esse modo passa por um processo de variação, sobretudo, a segunda pessoa do singular, pois é onde se verifica a alternância das formas indicativa e subjuntiva. Scherre (2007) discute os fatores que se relacionam com a variação da expressão do imperativo. De acordo com os dados da autora,

apontados anteriormente, fica claro que o aspecto geográfico tem uma grande influência nesse processo, no entanto, ele não é o único responsável. A autora evidencia que os fatores gramaticais também se relacionam à variação, uma vez que são capazes de ditar uma tendência, ou seja, favorecem ora o imperativo associado ao indicativo, ora o imperativo associado ao subjuntivo.

Considerando a relevância desse assunto, pois interessa a todos os profissionais que trabalham com a língua portuguesa, pela necessidade que eles têm de conhecê-la profundamente, a fim de subsidiar um trabalho cada vez melhor, trataremos, neste estudo, sobre o uso variável do imperativo no português brasileiro. Além da relevância do tema, esse trabalho também se justifica por contribuir para estudos já realizados, uma vez que se observa certa dificuldade para encontrar material que trate desse assunto. Percebe-se que a dificuldade procede de uma falta de acesso ao que já foi estudado e também pelo fato do assunto ser tratado por poucos estudiosos, pois em todos os trabalhos lidos a referência era sempre a mesma, especialmente Scherre (2007). Diante desse fato, acredita-se que essa pesquisa poderá ser interessante, pois acrescentará aos estudos já existentes, além da possibilidade de contribuir para a educação, sobretudo para as aulas de português, como uma forma de subsídio para o ensino de língua portuguesa, uma vez que há um grande distanciamento entre a língua dos estudantes e a língua ensinada nas escolas.

Sucintamente, então, nossa pesquisa se organiza a partir do seguinte problema: o uso escrito do imperativo por um grupo de crianças e adolescentes que, teoricamente, já estudaram esse modo na escola.

Para realizar essa investigação, vinte estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte participaram de uma oficina sobre cuidados com os livros, promovida pela biblioteca. Nessa oficina, os estudantes produziram cartazes com mensagens que remetem aos cuidados com livro. O texto elaborado, pelos alunos, gerou o corpus de análise desse trabalho. Os estudantes também participaram de uma conversa informal, em que responderam a perguntas sobre o aprendizado do modo imperativo na escola.

Portanto, definem-se os seguintes objetivos como fundamentais nesta pesquisa.

- Objetivo geral: analisar a variação do imperativo no português brasileiro, focalizando a escrita de estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte.

- Objetivos específicos:
 - verificar variações do uso do imperativo quanto à polaridade das sentenças;

 - identificar variações do uso do imperativo quanto ao sexo dos alunos participantes;

 - observar indícios do processo de aprendizagem do modo imperativo na educação formal, segundo os próprios participantes.

Duas hipóteses norteiam esse trabalho. A primeira é que os alunos irão usar mais o imperativo associado ao indicativo, ou seja, esperamos encontrar dados que corroborem as pesquisas. A segunda hipótese refere-se a um questionamento sobre o que a escrita dos estudantes revela sobre sua trajetória de vida ou escolar. Seus textos revelam o que aprenderam na escola, ou dados de uso da vida extraescolar?

A pesquisa se organiza da seguinte forma: após a contextualização do problema e a apresentação dos objetivos de investigação, haverá um capítulo no qual se apresenta o quadro teórico, especialmente estudos relacionados ao uso do imperativo em língua portuguesa. Na sequência, serão apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, bem como os dados gerados e a sua análise. O último capítulo encerra a discussão aqui proposta.

Capítulo 2: Fundamentação Teórica

2. O modo imperativo

A tradição gramatical, aqui representada por Cunha (2010), prescreve que o imperativo afirmativo possui formas próprias de segunda pessoa do singular e do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo, com a supressão do –s final. As outras pessoas do imperativo afirmativo, assim como todas do imperativo negativo, usam formas relacionadas ao subjuntivo. No quadro abaixo podemos ver essas formas.

Quadro 1: Forma do imperativo				
PESSOAS DO DISCURSO	PRESENTE DO INDICATIVO	IMPERATIVO AFIRMATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
Eu	Ando	-	Ande	-
Tu	Andas	Anda (tu)	Andes	Não Andes (tu)
Ele/Ela/Você	Anda	Ande (você)	Ande	Não ande (você)
Nós	Andamos	Andemos (nós)	Andemos	Não andemos (nós)
Vós	Andais	Andai (vós)	Andeis	Não andeis (vós)
Eles/Elas/Vocês	Andam	Andem (vocês)	Andem	Não andem (vocês)

Fonte: Elaboração da autora

Castilho (2012) questiona as prescrições da gramática quanto ao imperativo, pois, segundo ele, não é possível que um modo verbal gere outro modo verbal. Ele também aponta que, devido às alterações no sistema pronominal, o uso do imperativo sofreu grande impacto e hoje é apenas um jogo entre as formas indicativa e subjuntiva. Portanto, se é um jogo entre essas formas, em quais situações devemos usá-las? O linguista traz uma noção de distanciamento, ou seja, se a pessoa é conhecida, usamos a forma indicativa, se é uma situação que exige formalidades, usamos a forma do subjuntivo. Mais adiante, veremos o que os estudos sobre o uso do imperativo

observaram sobre o traço [+/- distanciamento].

Castilho (2012) não foi o único gramático a observar uma mudança no uso do imperativo. Perini (2010) já aponta, em seu trabalho, que no português brasileiro contemporâneo o uso do imperativo pode variar de acordo com a região do país. Ele observa que na região do Sudeste a forma mais frequente do imperativo está associada ao indicativo, enquanto no Nordeste vincula-se ao subjuntivo.

O que Perini (2010) pontuou sobre o uso do imperativo está em consonância com os estudos de Scherre (2007). Através de pesquisas variacionistas, ela fez um mapeamento do uso do modo imperativo nas regiões brasileiras e constatou que o fator geográfico é uma evidência do uso alternado do imperativo. As pesquisas com dados da fala das regiões Sudeste e Centro-Oeste revelaram o predomínio de 90% de uso do imperativo associado ao indicativo (olha/anda/faz). No Nordeste, esse uso é de cerca de 50% na fala de Recife, podendo atingir 30% em Salvador, João Pessoa e Fortaleza. No Sul, com exceção da cidade de Lages, em Santa Catarina, predomina o uso do imperativo associado ao indicativo.

2.1. A expressão do modo imperativo no português brasileiro contemporâneo

O uso do modo imperativo, no português brasileiro contemporâneo, está em variação. Melhor dizendo, a segunda pessoa do singular do imperativo possui uma alternância entre as formas dos modos indicativo e subjuntivo. Os usuários selecionam um ou outro modo, independente do contexto pronominal (*tu/você*). Podemos citar, como exemplo, o texto publicitário da Loja Magazine Luiza, abaixo. Nele observamos a variação pronominal e também a imperativa. O gênero publicidade é ambiente favorável para o imperativo e, nesse texto, que circulou pelos e-mails de clientes cadastrados, no mês de abril do ano vigente, encontramos as seguintes sentenças:

1. Clique.
2. Veja mais categorias do site.
3. Siga a gente nas redes sociais.
4. Compartilhe agora essas ofertas.

5. Baixe nosso aplicativo.
6. Olha só o que recomendamos para você.
7. Prorrogamos essa oportunidade pra você! Corre.

Como pode ser observado, as sentenças de 1 a 5 não têm sujeito expreso, e o modo imperativo selecionado está associado ao modo subjuntivo. Nas sentenças 6 e 7 pode-se ver a presença do pronome *você*, no entanto, os verbos que expressam o modo imperativo (*olha/corre*) estão associados ao modo indicativo. Essas duas últimas frases ilustram bem a atual configuração do imperativo, nelas podemos observar que não há preocupação com o contexto pronominal. Acreditamos que, por se tratar de uma publicidade, existe uma tentativa de aproximação da linguagem usada pelos interlocutores e também uma fuga das ordens diretas, para isso recorrem à forma indicativa para que o discurso seja mais agradável, mais polido.

Como já dissemos, essas sentenças foram retiradas de um texto publicitário que utilizou como suporte o e-mail, portanto, trata-se de um texto escrito. É interessante pontuar que a variação da expressão do imperativo não ocorre apenas na fala, ela está presente também na escrita, como demonstrado através desse e-mail e comprovado por Scherre (2007) no estudo do imperativo em revistas em quadrinhos.

O contexto que encontramos nas frases 6 e 7 do texto publicitário está em consonância com os dados que Scherre (2007) encontrou ao pesquisar o uso do imperativo nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. O estudo feito compreende as revistas publicadas nos anos 70, 80, 90 do século XX e a primeira década do século XXI. Ao analisar os dados, a pesquisadora evidenciou uma mudança no uso do imperativo, a partir de 1983. Ela observou que a partir desse ano houve um considerável aumento no uso do imperativo associado ao indicativo, no ambiente discursivo do pronome *você*. Na década de 70, havia uma frequência de 7% dessa ocorrência, já em 1983, saltou para 18% até atingir 72% na primeira década do XXI. Segundo Scherre (2007), dois fatos históricos podem ter contribuído para o aumento do uso do imperativo associado ao indicativo no contexto do pronome *você*, são eles: a carta da ABRALIN, em março de 1985, admitindo o personagem *Chico Bento*, criado por Maurício de Sousa, como sócio honorário. Isso aconteceu porque o Conselho Nacional

de Cultura manifestou o desejo de censurar a publicação das revistas do personagem, alegando que a linguagem rural de *Chico Bento* poderia influenciar as crianças a falarem “errado”. O outro fato histórico é o movimento Diretas Já!, que ocorreu entre os anos de 1983 e 1985. Para Scherre (2007) esses fatos contribuíram para o *abrasileiramento* do imperativo gramatical na escrita dos quadrinhos. O *abrasileiramento* se refere ao uso do imperativo associado ao indicativo, no ambiente discursivo do pronome *você*.

Como podemos observar, fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para essa variação, como, por exemplo, a geografia, que, pela análise de Scherre (2007), mostrou ser um importante ponto para compreender esse processo. Os fatores linguísticos são discutidos por Scherre (2007) e Cardoso (2006). Veremos esses pontos nas próximas seções.

2.2. Aspectos linguísticos

2.2.1. Aspectos morfológicos

Cardoso (2006) apresenta os aspectos morfológicos que estão envolvidos na variação da expressão do imperativo. O primeiro ponto destacado por ela é a gramaticalização/pronominalização do *você*, que foi inserido no sistema pronominal como 2ª pessoa do discurso e terceira pessoa gramatical, ou seja, seleciona os verbos da 3ª pessoa. O segundo aspecto está relacionado com o uso variado dos pronomes *tu/você*, e o terceiro diz respeito ao uso variado da forma verbal com e sem concordância com a 2ª pessoa e a confluência entre as formas verbais de 2ª e 3ª pessoa do singular do modo indicativo. Abaixo, seguem algumas frases em que podemos observar, no exemplo (8), o uso de *tu* com e sem concordância; e no exemplo (9) a confluência das formas do modo indicativo.

8. Tu cantas. / Tu canta.

9. Tu canta. / Você canta. / Ela canta¹.

¹ Observe que essa forma verbal é idêntica à forma do imperativo de 2ª pessoa. Sobre isso, Faraco

Sobre esses fatores, Scherre (2007) aponta que a inserção do *você* no sistema pronominal do português brasileiro e sua gramaticalização como segunda pessoa do discurso contribuíram, razoavelmente, com a variação do uso imperativo. Pois é compreensível que havendo variação no uso de *tu/você* haja também no uso imperativo. Para compreender melhor a relação entre o sistema pronominal e o uso do imperativo, Scherre (2007), a partir de dados de pesquisas sobre o uso do imperativo, propõe cinco subsistemas, em uma tentativa de sintetizar os contextos de uso desses pronomes.

O primeiro subsistema compreende o uso exclusivo do pronome *você*. Ele é encontrado no Estado de Minas Gerais, região Sudeste, em toda região Centro-Oeste, exceto o Distrito Federal; em praticamente todo o estado do Paraná, região Sul, e na cidade de Salvador, Bahia, região Nordeste.

No subsistema 2, há o uso predominante do pronome *tu* com baixa concordância, que pode ser encontrado na região Sul. No Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, há uma frequência de uso de 93% de *tu*, com 7% de concordância; em São Borja, 94% de *tu*, com 5% de concordância; Panambi, 93% de *tu*, com 3% de concordância; e em Flores da Cunha, 83% de *tu*, com 2% de concordância; em Santa Catarina, Chapecó apresenta 53% de *tu*, com 0,8% de concordância. Os dados apresentados por Scherre (2007) foram retirados do trabalho de Loregian-Penkall (2004) e citados em seu artigo.

O subsistema 3 compreende o uso predominante do pronome *tu* com mais concordância. Ele é encontrado nas regiões Sul, Norte e Nordeste. De acordo com os dados de Loregian-Penkall (2004), citado por Scherre (2007), no Sul, Estado de Santa Catarina, na cidade Ribeirão da Ilha, a frequência é de 96% de *tu*, com 60% de concordância; e em Florianópolis é de 76% de *tu*, com 43% de concordância. Na região Norte, os dados de Soares e Leal (1993), citado por Scherre (2007), apontaram que no Estado do Pará, na cidade de Belém, a ocorrência de *tu* é de 77%, com concordância variável. No Nordeste, o Estado do Maranhão usa o *tu* com concordância, é mais presente nas áreas urbanas. Os dados de Bezerra (1994), citado por Scherre (2007),

(1986), citado por Scherre (2007) e Cardoso (2006), afirma que a queda do -t final da 3ª pessoa do singular do modo indicativo latino (cantat – canta) ocasionou uma correspondência entre as formas do imperativo. Segundo ele, essa é a homofonia criada historicamente em função de tal fato.

revelam que no Estado da Paraíba, na cidade de Campina Grande, há uma ocorrência de 69% de uso do *tu*; na cidade João Pessoa, os dados de Pedroso (1999), citado por Scherre (2007), apontam 23% de concordância.

O subsistema 4 trata da alternância dos pronomes *você/tu* ou *tu/você* sem concordância com o pronome *tu*. Esse contexto pode ser encontrado na região Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro, com a frequência de 64%, segundo dados Paredes Silva (2003), citado por Scherre (2007); e na cidade de Santos, ocorrência de 42%, de acordo com Modesto (2006), citado por Scherre (2007). Esses dados foram observados em falas menos monitoradas de ambas as cidades. A alternância dos pronomes também foi observada por Leão; Altenhofen; Klassmann (2003), citado por Scherre (2007), em áreas bilíngues do Rio Grande do Sul, com alta incidência do uso de *você*, e em áreas bilíngues do Paraná, em que há o maior uso de *tu*. Oliveira (2005), citado por Scherre (2007), observou essa alteração nas áreas rurais da Bahia. No Distrito Federal, ela começa a se instalar, atingindo 78% dos jovens do sexo masculino, segundo Lucca (2005), citado por Scherre (2007).

O subsistema 5 mostra a alternância dos pronomes *você/tu* ou *você/tu* com concordância com o pronome *tu* em grau mais variado. As construções que ilustram esse contexto são: *Tu deixa eu pensar? Tu deixas eu pensar? Tu deixou ele ir? Tu deixasse ele ir*. Pode ser encontrado nas regiões Sul e Nordeste, porém não há números exatos. Loregian-Penkall (2004), citado por Scherre (2007), aponta duas cidades do Sul onde foi observada a ocorrência, Blumenau, 27% de *tu*, com 38% de concordância; e Lages, 15% de *tu*, com 14% de concordância. No Nordeste, as cidades de Fortaleza e Teresina têm o uso de *tu* com concordância variável. Na Cidade de Recife, os dados de Jesus (2006), citado por Scherre (2007), mostram o uso variado dos pronomes, sendo *você* a maior ocorrência.

As sínteses do uso pronominal, elaboradas por Scherre (2007), evidenciam uma grande diversidade no uso de *tu/você* no português brasileiro. Segundo a pesquisadora, essa diversidade se potencializa quando agregada aos fatores linguísticos e não linguísticos, ressaltando a interação como um elemento importante, sobretudo o traço [+/- distanciamento]. Scherre (2007) relacionou o papel da interação e a variação do imperativo. Ela observou que no português europeu e no espanhol, a oscilação entre o

imperativo associado indicativo e imperativo associado ao subjuntivo relaciona-se com o traço [+ - distanciamento]. Nas interações de [- distanciamento] manifesta-se o imperativo associado indicativo, no ambiente do pronome *tu*. As interações de mais distanciamento selecionam o imperativo associado ao subjuntivo, no contexto do pronome *você*. Scherre (2007, p.206) conclui que:

Em síntese, o estudo de Scherre (2006) apresenta outras evidências de que a distribuição das formas do imperativo no português europeu está associado ao traço [+ - distanciamento], o qual, por sua vez, remete a condições semântico-pragmáticas inerentes à interação verbal, em articulação, com o sistema pronominal.

Ocorre que no português brasileiro o traço em questão não é tão relevante para a alternância da expressão do imperativo, pois há várias manifestações de uso alternado do modo imperativo no contexto do pronome *você*. Minas Gerais nos servirá como exemplo, pois é um Estado onde ocorre o uso quase exclusivo do pronome *você*, com uma noção de menor distanciamento, no entanto, há o predomínio da forma imperativa associada ao indicativo. Já a cidade de Salvador, região Nordeste, possui as mesmas características, porém verifica-se que o imperativo associado ao subjuntivo predomina nesse local. A respeito disso, Scherre (2007, p.210) aponta:

[...] no português brasileiro contemporâneo, não se observa associação clara e inequívoca entre o contexto interacional marcado pelo traço [- distanciamento] e o uso do imperativo verdadeiro² (*olha; abre; faz*)(grifos da autora), por um lado; e contexto interacional marcado pelo traço [+ distanciamento] e uso de imperativo supletivo (*olhe; abra; faça*) (grifos da autora), por outro. [...] o português brasileiro distingue-se do português europeu e do espanhol, cujas formas verbais do imperativo se distribuem de acordo com as formas pronominais (de 2º pessoa), as quais por sua vez codificam contrastivamente o traço [+ - distanciamento].

Sobre o quadro apresentado até o momento, geografia e aspectos morfológicos, Scherre (2007) faz três generalizações: nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul, em que há o predomínio das formas imperativas associadas ao indicativo no contexto discursivo do pronome *você*, há um *sincretismo morfológico* entre as formas do imperativo e

² Scherre (2007) adota a nomenclatura imperativo verdadeiro e imperativo supletivo para o que chamamos de imperativo associado ao indicativo e imperativo associado ao subjuntivo, respectivamente. A denominação usada por ela tem origem nos estudos de orientação gerativa.

indicativo; em Salvador, João Pessoa e Fortaleza, observa-se uma situação de *uso mais especializado* da forma do subjuntivo para codificar o modo imperativo em contexto de uso do pronome *você*; em Recife há uma situação de *equilíbrio na manifestação* das duas formas.

2.2.2. Aspectos gramaticais

Retomando os fatores linguísticos relevantes para o entendimento da variação do modo imperativo, que são discutidos por Scherre (2007) e Cardoso (2006), passaremos, a partir de agora, a tratar dos aspectos gramaticais que se evidenciam, nesse processo.

2.2.2.1. Polaridade

O primeiro aspecto abordado nesse trabalho será a polaridade (afirmativo/negativo) das sentenças imperativas. O trabalho de Scherre (2007) evidencia que as frases imperativas afirmativas favorecem o uso da forma imperativa associada ao indicativo, conforme o exemplo abaixo, retirado do trabalho da pesquisadora.

10. Vai logo!

Já as frases imperativas negativas, favorecem o imperativo associado ao subjuntivo, como no exemplo abaixo.

11. Não saia daí!

Segundo a pesquisadora, essa tendência pode variar de acordo com a região, pois o Sudeste, por exemplo, tem alto índice de ocorrência de imperativo associado ao indicativo, e no Nordeste predomina o uso da forma imperativa associada ao subjuntivo. Para traçar melhor esse fato, Scherre (2007), com base nos dados da fala de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, fez um levantamento das estruturas imperativas afirmativas e imperativas negativas e encontrou o seguinte quadro: nos dados da fala de Salvador (uso preferencial do pronome *você*), coletados por Sampaio (2001), citado por Scherre (2007), 80% das construções imperativas negativas estão associadas ao imperativo ligado ao subjuntivo; 71% das construções imperativas afirmativas também estão

associadas ao mesmo modo. No Rio de Janeiro, contexto de uso pronome *você* e uso do *tu*, 5% das frases imperativas afirmativas se associam ao imperativo ligado ao subjuntivo; 22% do imperativo associado ao subjuntivo foram encontrados nas frases imperativas negativas. Em Recife, contexto de uso de *tu* e *você*, os dados coletados por Jesus (2006), citado por Scherre (2007), apontam que 88% do imperativo associado ao subjuntivo foram encontrados nas construções negativas e 48%, nas afirmativas. Abaixo, segue a tabela reproduzida do trabalho de Scherre (2007).

Tabela 1: Distribuição do imperativo verdadeiro/imperativo supletivo em função do contraste entre frase afirmativa vs. frase negativa em função dos dados do Rio de Janeiro, Salvador e Recife.				
POLARIDADE	FRASE NEGATIVA		FRASE AFIRMATIVA	
REGIÃO/CIDADE	IMPERATIVO VERDADEIRO	IMPERATIVO SUPLETIVO	IMPERATIVO VERDADEIRO	IMPERATIVO SUPLETIVO
Sudeste: Rio de Janeiro (uso preferencial de <i>você</i> ; uso de <i>tu</i>)	78%	22%	95%	5%
Nordeste: Salvador (uso preferencial de <i>você</i>)	20%	80%	29%	71%
Nordeste: Recife (uso de <i>tu</i> e <i>você</i>)	12%	88%	52%	48%

Fonte: Scherre (2007, p. 213)

Observando os dados da tabela, vemos que na cidade do Rio de Janeiro há uma ocorrência de 78% de imperativo associado ao indicativo em frases negativas. Esse fato evidencia que esta cidade, em função do predomínio das formas imperativas associadas ao indicativo, não segue a tendência de favorecimento da forma ligado ao subjuntivo em construções negativas. Sobre isso, Scherre (2007) observa que “a negação não impõe restrição quanto à manifestação das formas alternativas: o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo podem ser negados”, conforme os exemplos abaixo, retirados do trabalho da pesquisadora.

12. Ei, não tira essas goiabas, são minhas. (Falante de Fortaleza – Nordeste)

13. Não pule, é perigoso! (Fala de nativo de Fortaleza – Nordeste)

Sobre a tendência das frases afirmativas favorecerem o imperativo associado ao indicativo e frases negativas favorecerem o imperativo associado ao subjuntivo, Cardoso (2006) aponta que esse fato pode ser observado tanto na escrita quanto na fala. Para comprovar, a pesquisadora reuniu dados dos trabalhos de Scherre (1998) sobre a fala; Scherre (2001), sobre o uso do imperativo nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*; Sampaio (2001), sobre a fala de Salvador; e de Cardoso (2004), sobre a escrita de José J. Veiga, um dos maiores escritores brasileiros sobre realismo fantástico. Os dados encontrados seguem na tabela abaixo, reproduzida do trabalho de Cardoso (2006).

Fatores	Discurso falado (SCHERRE, 1998)	Histórias em quadrinhos (SCHERRE, 2001)	Língua falada de Salvador (SAMPAIO, 2001)	Textos escritos de José J. Veiga (CARDOSO, 2004)
Frases imperativas afirmativas	82%	61%	29%	25%
Frases imperativas negativas	66%	25%	20%	8%

Fonte: Cardoso (2006, p. 332)

Como pode ser observado, em todas as amostras, da fala e da escrita, há maior frequência do uso do imperativo associado ao indicativo nas frases afirmativas, o que confirma a tendência apontada por Scherre.

Ainda sobre a sintaxe da negação, Scherre (2007) e Cardoso (2006) evidenciam que, no português brasileiro, há três estratégias de negação: pré-verbal, pós-verbal e dupla negação. Cada estratégia tende ao favorecimento de uma ou de outra forma

imperativa. Segundo as pesquisadoras, a negação pré-verbal favorece o imperativo associado ao subjuntivo; a negação pós-verbal e a dupla negação favorecem o imperativo associado ao indicativo, conforme os exemplos abaixo.

14. Não faça isso!

15. Faz isso não!

16. Não faz isso não!

Cardoso (2004), citado por Scherre (2007), em seu trabalho sobre os textos escritos de José J. Veiga, escritor goiano, separou as frases imperativas negativas, segundo as três estratégias de negação. Ela verificou que o uso do imperativo na forma indicativa aparece com uma porcentagem de 8% na posição pré-verbal, 60% na posição pós-verbal, e 67% na dupla negação. Os dados da língua escrita corroboram a situação que foi descrita acima.

Cardoso (2006) ainda aponta que o português brasileiro tende à negação pré-verbal, todavia, isso não impede que o imperativo associado ao modo indicativo ocorra nessa situação. A ocorrência é completamente possível na língua, porém menos frequente. Ao afirmar isso, ela concorda com Scherre que também observou que a negação não restringe a variação do imperativo, apesar da posição da partícula negativa favorecer uma ou outra forma. Os exemplos abaixo, retirados de Cardoso (2006), ilustram a situação.

17. Não *atrasa* a boiada. (VEIGA, 1994)

18. Não *entra* no mar! (Informante)

19. Não *deixe* o jasmineiro da varanda do quarto morrer. (VEIGA, 1994)

2.2.2.2. Ausência/presença do pronome *tu/você*

Outro aspecto gramatical relevante para a variação da expressão do imperativo é a ausência/presença do pronome *tu/você*, analisado por Cardoso (2009), em seu trabalho sobre a variação e mudança do uso imperativo, que tem como amostra a fala dos fortalezenses que residem no Distrito Federal. Nessa pesquisa, ela observou que há uma tendência de favorecimento da forma imperativa associada ao indicativo no contexto da presença do pronome *tu*. Inversamente, a conjuntura do pronome *você* favorece o uso do imperativo associado ao subjuntivo. A ausência do pronome aumenta o número de ocorrências da forma imperativa associada ao indicativo. Para checar essa observação, Cardoso (2009) distribuiu os dados encontrados de acordo com a polaridade da estrutura (afirmativo/negativo) e considerou o uso do imperativo associado ao indicativo na ausência do pronome e na presença de *você*. Nas construções afirmativas, ela encontrou o peso relativo de 0,39, no contexto do pronome *você* explícito, na ausência, o peso relativo foi de 0,61. O resultado ratifica a tendência identificada por ela, a ausência do pronome, em frases afirmativas, favorece o uso da forma imperativa associada ao modo indicativo.

Já no mesmo trabalho de Cardoso (2009), as construções negativas foram separadas de acordo com a posição do *não*. A negação pré-verbal atingiu o peso relativo de 0,17, no contexto da presença do pronome *você*, e na ausência, 0,14. A autora observa uma situação de inversão, pois esperava-se que a ausência do pronome alcançasse um peso relativo maior em relação ao peso da presença do pronome. A negação pós-verbal apresenta um peso relativo de 0,80, na ausência do pronome, na presença do pronome *você*, os dados foram insatisfatórios para análise. A dupla negação, mesmo com poucos dados, apresentou um peso relativo de 0,35, para o contexto da presença pronome *você*, e 0,65 para a ausência. Portanto, a partícula negativa posposta ao verbo e a dupla negação tendem ao favorecimento do uso imperativo associado ao indicativo, no contexto de ausência do pronome *você*. Quanto à negação pré-verbal, retomamos Cardoso (2006) que aponta que, apesar da negação pré-verbal favorecer o uso imperativo associado ao subjuntivo, não impede a ocorrência da forma imperativa associada ao indicativo. Talvez essa tendência explique o peso relativo encontrado por Cardoso (2009).

2.3. Âncoras discursivas

O outro aspecto interessante para o entendimento da variação do modo imperativo está relacionado à leitura diretiva das construções imperativas. Scherre (2008) aponta esse fator em seu trabalho e os denomina como *âncoras discursivas*. O primeiro abordado por ela é o vocativo, que teve o seu comportamento observado nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, nas décadas de 70 e 90. Os dados encontrados serão reproduzidos na tabela a seguir.

Tabela 3: Efeito da presença ou ausência de vocativo no uso do imperativo associado à forma indicativa em diálogos de histórias em quadrinhos da <i>Turma da Mônica</i> – contexto discursivo do pronome <i> você</i>				
	Início da década de 70		Final da década de 90	
Fatores	Frequência do imperativo associado ao indicativo	Peso relativo dos fatores	Frequência do imperativo associado ao indicativo	Peso relativo dos fatores
Presença do vocativo	6/23=26%	0,79	139/221=63%	0,58
Ausência do vocativo	5/82=6%	0,41	224/416=54%	0,45
TOTAL	11/105=10%		363/637=55%	

Fonte: Scherre (2007, p. 224)

Os resultados encontrados pela pesquisadora revelam que a presença do vocativo tende ao favorecimento do imperativo na forma indicativa, pois na década de 70 atingiu um percentual de 26%, na década de 90, 63%. Scherre (2007) interpreta tal fato com base na perda da distinção morfológica entre as formas do imperativo e do indicativo. Ela sugere que o vocativo funcione como um elemento que garante a leitura imperativa, ou seja, uma âncora discursiva. Ela discute, ainda, que, entre as formas variantes do imperativo (indicativo e subjuntivo), a forma associada ao subjuntivo é sempre lida como imperativo, ou seja, não há necessidade de elementos linguísticos ou extralinguísticos para assegurar uma interpretação imperativa. Já a forma associada ao

indicativo se apoia no vocativo e na prosódia (âncoras discursivas), por exemplo, para garantir essa leitura, em função do fato de não haver distinção morfológica entre as formas indicativas e imperativas.

Outro ponto tratado por Scherre (2007) e que também influencia a leitura imperativa é o fato de a oração imperativa ser uma frase sem sujeito expreso, como pode ser visto nas frases abaixo.

20. Fica aqui!

21. Fique aqui!

Em frases como: *Você, fica aqui!*, podemos interpretar o pronome *você* como sujeito ou vocativo, caso não haja uma entonação ou pontuação clara que assegure a leitura imperativa, uma vez não há distinção morfológica entre as formas do modo imperativo e do modo indicativo. Se a mesma frase for realizada trocando a forma verbal, *Você fique aqui!*, não haverá ambiguidade, pois a forma imperativa ligado ao subjuntivo, independe do apoio de qualquer elemento, ela por si só é capaz de garantir a compreensão diretiva da frase. Para ilustrar a situação, Scherre (2007) observa as seguintes frases:

22. João, traz o livro!

23. João traz o livro!

24. . João, traga o livro

25. * João traga o livro!

Pode-se observar que a forma verbal, da primeira e da segunda frase, é idêntica. A primeira frase é imperativa, entendemos dessa forma por causa da presença do vocativo; a segunda frase é declarativa. Nas sentenças em que o subjuntivo foi usado não há dúvida de que se trata de uma ordem. Sendo assim, Scherre (2007) aponta essa dependência de recursos para assegurar a leitura diretiva, nas construções em que a

forma imperativa associada ao indicativo está presente.

Nesse capítulo, vimos que o imperativo no português brasileiro está em variação. A gramática de Perini (2010) já admite essa realidade e aponta o fator geográfico como um propulsor para a variação. Scherre (2007) também apontou essa situação em seus trabalhos e, ao mapear o uso do imperativo, constatou que a geografia atua nessa variação. Outros fatores, como, aspectos morfológicos, interatividade e aspectos gramaticais também foram observados pela pesquisadora que constatou que o sistema pronominal e a interatividade não influenciam tanto. Já outros aspectos gramaticais contribuem para a variação, pois eles tendem a preferir uma forma à outra.

No quarto capítulo dessa pesquisa, faremos a análise dos dados coletados nos trabalhos escritos dos alunos. Eles serão observados a partir dos estudos aqui apresentados. A variante linguística polaridade (afirmativa/negativa) e a variante social sexo serão contempladas nesse trabalho.

Capítulo 3: Metodologia

Esta pesquisa é de natureza essencialmente qualitativo-interpretativista e, por isso, distancia-se da perspectiva de objetividade, neutralidade e cientificidade das abordagens quantitativas advindas do paradigma positivista. Buscando responder a como o mundo vem a ser conhecido pelos sujeitos, configuram-se os seguintes princípios, raízes do paradigma positivista, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 15):

- Certeza sensível: a realidade consiste naquilo que os sentidos podem perceber. Na evolução da história das ciências, foram sendo criados instrumentos, como o microscópio, o telescópio, a radiografia e a ecografia, que ampliam a percepção dos sentidos humanos.
- Certeza metódica: a investigação científica procede de acordo com métodos rigorosos e sistemáticos.
- Antinomia entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. A percepção objetiva do mundo tem de estar dissociada da mente do pesquisador, que não se apresenta como sistema de referência. As categorias postuladas devem ser livres de contexto, isto é, independentes das crenças e valores do próprio sujeito cognoscente e de sua comunidade.

Já a pesquisa de natureza qualitativa considera que os resultados são sempre dependentes de seu contexto de ocorrência e nunca estão livres da subjetividade da análise do pesquisador. Ainda, a investigação qualitativa não se propõe a estabelecer ou testar relações determinantes de causa e consequência entre os fenômenos analisados e tampouco criar generalizações dos fenômenos observados. A pesquisa qualitativa, portanto, “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34)

A partir desse enquadramento da pesquisa, devemos destacar alguns elementos do caminho metodológico tomado para a geração e, posterior, análise dos dados.

O primeiro aspecto diz respeito à localização do local onde foi realizada a pesquisa. Trata-se de uma biblioteca da Rede Municipal de Belo Horizonte, onde a pesquisadora trabalha. Essa biblioteca situa-se em um espaço planejado para receber os alunos do *Programa Escola Integrada*, oferecido pela Prefeitura de Belo Horizonte.

Aproximadamente, dez escolas frequentam esse local, que possui vários espaços, como, quadras, salas, informática e auditório. Na biblioteca, desse lugar, os alunos podem ler, estudar e fazer empréstimos, além disso, ela oferece várias ações voltadas para a mediação de leitura e possui vários projetos na área de formação do leitor. Entre os vários trabalhos desenvolvidos pela biblioteca, um deles, denominado *Conhecendo a Biblioteca*, consiste na apresentação do espaço e orientações aos usuários.

Foi a partir do projeto *Conhecendo a Biblioteca* que surgiu a possibilidade de alinhamento entre o trabalho desenvolvido pela biblioteca e essa pesquisa, pois, para gerar os dados, prolongou-se essa ação, oferecendo aos alunos uma oficina sobre cuidados com os livros. Tal proposta foi muito proveitosa para todos, porque a biblioteca percebia a necessidade de orientar melhor os alunos sobre a preservação dos livros e essa imprescindibilidade abriu o espaço para a realização dessa investigação.

O segundo ponto refere-se à oficina, que, como informado do no parágrafo anterior, foi promovida pela biblioteca do local frequentado pelos alunos e abordou a questão dos cuidados com os livros. Esse tema foi escolhido porque no mês de abril comemora-se, no dia 02, o Dia Internacional do Livro Infantil; e, no dia 18, o Dia Nacional do Livro Infantil. É um momento muito conveniente para falarmos sobre preservação de livros, uma vez que as bibliotecas se guiam por datas comemorativas. Depois convidamos os alunos do terceiro ciclo de três escolas. Escolhemos os estudantes dessa etapa, por entendermos que eles já estão alfabetizados e já começaram a estudar a língua portuguesa com certo aprofundamento. Orientamos que cada escola encaminhasse seis alunos, pois geralmente as oficinas trabalham com um número limitado de atendimentos. Cada instituição direcionou um número de alunos, umas levaram mais do que foi orientado, outras, menos. É importante dizer que o ingresso na oficina foi por adesão e que atingimos o número de 20 participantes, sendo dez meninas e dez meninos, com idades que variaram entre dez e quatorze anos. Esses alunos pertencem a três escolas municipais de Belo Horizonte da regional Barreiro e são participantes do *Programa Escola Integrada*.

O terceiro aspecto dessa pesquisa trata da proposta de trabalho desenvolvida para a realização da oficina. No primeiro momento da atividade, os alunos assistiram a

um vídeo sobre restauração de livros. Depois, preparamos uma apresentação com imagens que remetem aos cuidados com o livro. Adotamos essa estratégia por acreditarmos na capacidade expressiva das figuras e porque os próprios alunos construíram o que deve ser feito para preservar o objeto, dessa forma eles não foram influenciados pelo discurso do profissional que conduziu o trabalho. E, por fim, cada um deles produziu um pequeno cartaz, para ser fixado no mural da biblioteca, a fim de sensibilizar os usuários sobre o que devemos fazer para preservar a vida útil do livro.

É importante falar sobre as condições da produção escrita, pois os alunos foram envolvidos em uma situação real em que escrever foi necessário para alcançar um determinado objetivo. E, para que eles tivessem condições de produzir, nós oferecemos os subsídios necessários, através da conversa sobre o assunto, do vídeo exibido e das imagens mostradas. Depois orientamos que eles deveriam produzir um cartaz para o mural da biblioteca, ou seja, informamos o gênero e o seu veículo. O gênero cartaz foi escolhido porque é um texto conciso e objetivo, explora a linguagem verbal e não-verbal e a criatividade é imprescindível, o que o torna bem interessante para ser fixado na biblioteca, porque irá atrair a atenção dos usuários. Quanto à pesquisa, ele é interessante, pois é um texto com finalidade informativa ou instrutiva, neste caso, os cartazes produzidos são mais instrutivos, e textos desse caráter utilizam os verbos no imperativo como recurso linguístico, que é o que nos interessa.

Ao final do trabalho, à medida que cada aluno entregava o seu cartaz, participava de uma entrevista informal, em que respondia perguntas relacionadas ao seu conhecimento ou desconhecimento do modo imperativo. A finalidade dessa conversa foi tentar perceber o que eles sabiam sobre o assunto, se conseguiam identificar o imperativo no texto, se compreendiam o que expressa o modo e o que estavam achando das aulas de português, se gostavam, se estavam satisfeitos e se aprendiam.

O quarto e último aspecto desse trabalho diz respeito aos dados. Eles foram gerados por meio da conversa informal e da oficina proporcionada aos alunos, que teve como produto final a elaboração de cartazes para serem fixados no mural da biblioteca. Os alunos produziram o total de 23 cartazes. Isso ocorreu porque alguns alunos manifestaram o desejo de fazer mais de um trabalho. Observamos também que muitos

alunos colocaram mais de uma frase no cartaz, o que ocasionou o aumento da ocorrência de verbos no imperativo.

Observando o conteúdo das frases dos estudantes, podemos verificar que muitos deles foram bem pontuais ao mostrar de maneira objetiva os cuidados que se deve ter para preservar a vida útil do livro, como evitar os alimentos ao manusear o livro e manter as mãos limpas para não sujá-lo, não deitar ou descansar sobre o livro para que o miolo não se rompa, não rasgar e não dobrar as páginas, e não deixar molhar. Alguns alunos se manifestaram de forma mais geral aconselhando que se deve cuidar do livro com amor e carinho, como nós nos cuidamos, pois o livro pode ajudar no futuro. Alguns pediram para tratar o livro como se fosse um amigo. Tivemos alunos que demonstraram preocupação em preservar o livro, pois ele é um material que todos têm o direito de acessar. Houve um caso de aluno que reconheceu o poder do livro de nos trazer conhecimento, de nos fazer viajar e conhecer outros mundos sem sair do lugar.

3.1. Análise de dados

3.1.1. A expressão do modo imperativo na escrita dos estudantes

Como dito no capítulo anterior, os dados dessa pesquisa foram gerados a partir dos cartazes que 20 alunos produziram durante uma oficina sobre cuidados com o livro, promovida pela biblioteca escolar que há no espaço que esses estudantes utilizam como local de realização do *Programa Escola Integrada*. O texto elaborado por eles gerou o *corpus* dessa pesquisa. Ao final, vinte e três cartazes foram elaborados, isso ocorreu porque três alunas fizeram dois trabalhos. Abaixo seguem exemplos das frases produzidas pelos alunos (Anexos).

26. Não *rasgue* as páginas dos livros. (J/ 11 anos/ 7ºano)

27. *Cuida* bem do seu livro com amor e carinho. Não *deixe* molhar.

(ME/12anos/6ºano)

28. Não *comer* em cima do livro. (T/12anos/7º ano)

29. *Tenha* cuidado com os livros, pois eles te levam a outros mundos.
(P/14 anos/8º ano)

As frases acima sintetizam o que foi encontrado nessa pesquisa. Poderíamos distribuir as ocorrências em quatro contextos:

- a) partícula negativa anteposta ao imperativo associado ao subjuntivo. Segundo os estudos de Cardoso (2006), este é um ambiente favorável a esta manifestação;
- b) imperativo associado ao indicativo. De acordo com Scherre (2007), é a forma mais frequente de uso entre os falantes do sudeste;
- c) verbos no infinitivo. Segundo Cardoso (2006), os pedidos, as ordens os conselhos, podem ser expressos por formas variantes do imperativo;
- d) imperativo associado ao subjuntivo. Forma prescrita pela tradição gramatical.

Ocorreram dois casos em que os alunos não conseguiram elaborar uma frase, e um caso de um aluno que usou a partícula negativa anteposta ao verbo conjugado no modo imperativo associado ao indicativo. Trataremos dessa ocorrência mais adiante.

Ao observar os cartazes, percebemos a ocorrência de 21 verbos, que se repetem, expressos, ou no modo imperativo ou conjugados de outras formas, porém com a mesma função. No quadro, a seguir, podemos visualizar os dados encontrados. Eles foram distribuídos em três colunas: na primeira, temos os verbos organizados em ordem alfabética; na segunda, temos a ocorrência; e na última coluna, temos a forma do verbo.

Quadro 2: Verbos encontrados na escrita dos alunos		
VERBO	OCORRÊNCIA	FORMA
Amassar	1	Infinitivo
Ame	1	Imperativo → subjuntivo
Cuida	1	Imperativo → indicativo
Cuide	5	Imperativo → subjuntivo
Coma	1	Imperativo → subjuntivo
Come	1	Imperativo → indicativo
Comer	2	Infinitivo
Deitar	1	Infinitivo
Deixe	1	Imperativo → subjuntivo
Destrua	1	Imperativo → subjuntivo
Estrague	1	Imperativo → subjuntivo
Faça	3	Imperativo → subjuntivo
Pega	1	Imperativo → indicativo
Pegue	1	Imperativo → subjuntivo
Rasga	1	Imperativo → indicativo
Rasgar	2	Infinitivo
Rasgue	1	Imperativo → subjuntivo
Sujar	1	Infinitivo
Tenha	1	Imperativo → subjuntivo
Tome	1	Imperativo → subjuntivo
Trate	1	Imperativo → subjuntivo
Total	21 verbos	29 ocorrências

Fonte: Elaboração da autora

Examinando essa tabela, podemos constatar que houve maior manifestação do imperativo associado ao subjuntivo. No quadro, a seguir, o cenário ficará mais claro.

Tabela 4: Porcentagem da ocorrência dos verbos		
VERBO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
IMPERATIVO → SUBJUNTIVO	18	62,06%
IMPERATIVO → INDICATIVO	4	13,79%
INFINITIVO	7	24,13%
TOTAL	29	99,98%

Fonte: Elaboração da autora

Os dados revelam maior uso do imperativo ligado ao subjuntivo. Tal constatação nos surpreendeu, pois esperávamos encontrar números próximos aos estudos de Scherre (2007). Esses estudos demonstram que, tanto na fala quanto na escrita, há uma preferência dos usuários da língua pelo modo imperativo associado ao indicativo, na região do Sudeste. No entanto, nesta pesquisa, verificamos uma preferência dos estudantes pelo imperativo associado ao subjuntivo. Suspeitamos que a escolha do gênero pode ter determinado o resultado, pois o cartaz é um ambiente favorável ao uso do imperativo e a ordem ou pedido precisa ser claramente expresso, sem a ambiguidade que o imperativo associado ao indicativo pode ocasionar. Além disso, o gênero cartaz é menos dialógico, o que, segundo Scherre (2007), tende ao favorecimento da forma imperativa associada ao subjuntivo. Ela evidenciou isso ao estudar o papel das âncoras discursivas e observar que o imperativo associado ao subjuntivo sempre é compreendido como imperativo, o que não ocorre com a forma imperativa associada ao indicativo, que, pelo fato de não se distinguir morfologicamente do modo indicativo, pode ser lido como imperativo ou como assertivo. Para que isso não aconteça, essa forma busca suporte nas âncoras discursivas, a fim de sustentar a leitura diretiva. O uso do imperativo associado à forma subjuntiva não gera ambiguidade na leitura, dessa forma, ele independe das âncoras discursivas. Como exemplo, ela cita as propagandas, que são menos dialógicas e, em função disso, exploram o uso do imperativo associado ao subjuntivo, como um recurso para que os interlocutores tenham clareza do discurso

impositivo. A pesquisadora ainda destaca que a propaganda não-dialógica brasileira usa, preferencialmente, o imperativo associado ao subjuntivo e, ocasionalmente, faz uso do imperativo associado ao indicativo, geralmente, acompanhado de uma âncora discursiva.

Portanto, diante do exposto, acreditamos que gênero cartaz, em função das suas características, teve uma grande parcela de peso na escolha dos alunos, uma vez que eles, em sua maioria, preferiram usar o modo imperativo associado ao subjuntivo, para expressar de forma clara os seus pedidos ou conselhos. Na tabela, a seguir, poderemos ver qual a proporção dos alunos que fizeram essa escolha.

Tabela 5: Frequência de uso do modo imperativo associado ao subjuntivo e do imperativo associado ao indicativo na escrita dos alunos		
OCORRÊNCIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Uso do imperativo →subjuntivo	13	65%
Uso do imperativo → indicativo	1	5%
Uso do infinitivo	2	10%
Uso do infinitivo e do imperativo → indicativo	1	5%
Uso do imperativo →subjuntivo e indicativo	1	5%
Alunos que não elaboraram frase	2	10%
Total	20	100%

Fonte: Elaboração da autora

Analisando as produções dos alunos, percebemos que 65% manifestaram o imperativo associado ao modo subjuntivo, 10% usaram verbos no infinitivo, 10% não elaboram, fizeram cópia de uma frase encontrada em uma revista; 5% manifestaram o imperativo associado ao indicativo; e ainda observamos situações em que o mesmo aluno alternava as formas, usando no cartaz o imperativo associado ao subjuntivo e a forma indicativa (5%) ou usava o infinitivo com a forma subjuntiva (5%). Como pode

ser observado, as manifestações de uso do modo imperativo, encontradas nessa pesquisa, vão de encontro com aos dados de Scherre (2007) que identificou na escrita o uso de 72% do imperativo associado ao indicativo. Vale ressaltar que os dados analisados por ela foram coletados nas revistas em quadrinhos da *Turma Mônica*, portanto trata-se de um gênero de natureza mais dialógica.

3.1.2. Análise da polaridade e da variante sexo

Observando a escrita dos alunos, verificamos a possibilidade de analisar essas produções quanto à polaridade da estrutura, pois percebemos um recorrente uso da negação nos textos desses estudantes; e quanto à variante sexo, que está em condições de ser verificada.

3.1.2.1. Polaridade

Antes de tratar da polaridade, é importante retomar algumas informações. A oficina desenvolvida na biblioteca contou com a participação de 20 alunos. Juntos eles produziram 23 cartazes, pois três estudantes manifestaram o desejo de fazer mais cartazes, vale a pena ressaltar que os alunos que fizeram mais cartazes demonstraram uma constância no uso imperativo, pois todos eles preferiram o imperativo associado ao subjuntivo. Nas produções dos alunos contabilizamos 29 ocorrências de verbos, conforme a tabela 4, o que equivale a 29 construções imperativas. Nessas sentenças, observamos que o imperativo foi expresso de três formas: uso do infinitivo, uso da forma subjuntiva e uso da forma indicativa. Na tabela abaixo é possível verificar esses dados.

Tabela 6: Forma da expressão do imperativo observada na escrita dos alunos		
Forma	Ocorrência	Porcentagem
Uso do imperativo associado ao subjuntivo	18	62,06%
Uso do imperativo associado ao indicativo	4	13,79%
Uso do infinitivo	7	24,13%
Total	29	99,98%

Fonte: Elaboração da autora

Acerca da ocorrência encontrada para o uso do imperativo associado ao subjuntivo, já comentamos. O que nos chama atenção agora é a frequência do uso do infinitivo para expressar o imperativo. Nessa pesquisa, evidenciamos um uso de 24,13% dessa forma. Cardoso (2006) relaciona tal fato a uma noção do falante de ordem branda e ordem grosseira. Quando o usuário da língua prefere ser menos impositivo e mais polido, busca outros recursos para expressar o seu desejo, um deles é evitar a forma imperativa associada ao subjuntivo.

Retomadas as informações, trataremos da polaridade da estrutura. Para fazer essa análise, vamos considerar as sentenças imperativas em que se exhibe o imperativo associado ao subjuntivo e o imperativo associado ao indicativo. Observando novamente a tabela, vemos que essas construções somam 22 ocorrências. Quanto à polaridade, encontramos 14 ocorrências de frases imperativas afirmativas e 8 de frases imperativas negativas. A tabela abaixo apresenta os resultados.

Tabela 7: Frequência de frases imperativas afirmativas e frases imperativas negativas nas produções escritas dos alunos		
Frases	Ocorrência	Porcentagem
Imperativa afirmativa	14	66,66%
Imperativa negativa	8	33,33%
Total	22	99,99%

Fonte: Elaboração da autora

3.1.2.1.1. Polaridade afirmativa

Como informado na tabela 7, as construções imperativas afirmativas têm uma frequência de 66,66%. Segundo Scherre (2007), essas frases favorecem o imperativo associado ao indicativo, porém, nessa pesquisa, evidenciamos o uso mais frequente do modo imperativo associado ao subjuntivo, como mostra a tabela abaixo. Anteriormente, apontamos que tal fato pode ter ocorrido em função das especificidades do gênero escolhido.

Forma	Ocorrência	Porcentagem
Imperativo associado ao subjuntivo	13	92,85%
Imperativo associado ao indicativo	1	7,14%

Fonte: Elaboração da autora

Conforme a tabela acima, houve apenas 1 ocorrência da forma indicativa, que segue abaixo.

30. *Cuida* bem do seu livro com amor e carinho

3.1.2.1.2. Polaridade Negativa

Quanto às sentenças imperativas negativas, nesse trabalho, tiveram uma frequência de 33,33%, conforme a tabela 7. Observamos que todas as negações foram pré-verbais, o que, segundo Scherre (2007), tende a favorecer o imperativo ligado ao subjuntivo, porém observamos uma frequência relevante do uso da negação pré-verbal com o imperativo associado ao indicativo. Abaixo seguem as três ocorrências encontradas.

31. Não rasga o livro.

32. Nem pega os livros com as mãos sujas.

33. Não come no livro.

Segundo Scherre (2007), a negação não restringe a alternância modo imperativo. Cardoso (2006) completa que, apesar do português brasileiro preferir a negação pré-verbal, ela não impede que o imperativo associado ao indicativo ocorra nessa condição. A tabela, a seguir, mostra a frequência de uso imperativo associado ao indicativo e do uso imperativo associado ao subjuntivo encontrada nas sentenças imperativas negativas.

Tabela 9: Frequência da forma subjuntiva nas frases imperativas negativas		
Forma	Ocorrência	Porcentagem
Imperativo associado ao subjuntivo	5	62,5%
Imperativo associado ao indicativo	3	37,5%

Fonte: Elaboração da autora

Como pode ser observado, a frequência de uso do imperativo associado ao indicativo é relevante, pois corresponde a 37,5% das frases imperativas negativas. O uso do imperativo associado ao subjuntivo tem uma frequência de 62,5%, tal fato está em consonância com o trabalho de Scherre (2007) que constatou uma tendência do uso da forma subjuntiva nas frases imperativas com negação pré-verbal.

3.1.2.2. Variante *sexo*

Conforme esclarecido anteriormente, a variante *sexo* também seria analisada nessa pesquisa, pois ela está em equilíbrio, uma vez que contamos com a participação de dez estudantes do sexo masculino e dez do sexo feminino. Analisando a escrita dos alunos do sexo masculino, observamos que 50% usaram o modo imperativo associado ao subjuntivo, 10% usaram a forma associada ao indicativo, 10% usaram verbos no infinitivo, 10% usaram duas formas para expressar o imperativo, e 20% não elaboraram frase, copiaram de uma revista.

Tabela 10: Uso do imperativo pelos alunos do sexo masculino		
OCORRÊNCIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Imperativo → subjuntivo	5	50%
Imperativo → indicativo	1	10%
Infinitivo	1	10%
Imperativo → indicativo e Infinitivo	1	10%
Alunos que não elaboraram frase	2	20%
TOTAL	10	100%

Fonte: Elaboração da autora

Na escrita das meninas observamos que 80% usaram verbos imperativos associados ao modo subjuntivo, 10% manifestaram o imperativo associado ao indicativo e o infinitivo, e 10% usaram verbos no infinitivo.

Tabela 11: Uso do imperativo pelos estudantes do sexo feminino		
OCORRÊNCIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Imperativo → subjuntivo	8	80%
Imperativo → indicativo e Imperativo → subjuntivo	1	10%
Infinitivo	1	10%
TOTAL	10	100%

Fonte: Elaboração da autora

De acordo com os dados das tabelas acima, observamos que, em relação ao uso do modo imperativo associado ao subjuntivo, não há equilíbrio entre os sexos, no entanto, ambos preferem a expressão mais tradicional do modo imperativo, pois os estudantes do sexo feminino têm uma frequência de 80%, enquanto, os do sexo masculino 50%. Segundo Labov (2008), as mulheres são mais sensíveis do que os homens à língua padrão. E é o que percebemos, pois a maioria das alunas preferiu a

forma prescrita pela gramática tradicional, enquanto a metade dos estudantes do sexo masculino usou essa forma. Além disso, percebemos uma manifestação muito tímida da forma indicativa, apenas 10% dos estudantes sexo masculino a usaram, e 10% dos estudantes sexo feminino utilizaram as formas indicativa e subjuntiva, ao mesmo tempo, para expressar o modo. Observamos também que tanto no sexo feminino quanto ao masculino há alunos indecisos sobre qual forma deve ser aplicada, e, em meio a incerteza, acabaram usando as duas formas. Mais uma vez, atribuímos tais ocorrências ao gênero textual trabalhado com os alunos na oficina.

3.2. Estudo do imperativo em aulas de língua portuguesa, conforme os alunos

Para continuar fazendo uma análise qualitativa desses dados, buscando saber o que os alunos sabem sobre o modo imperativo, realizamos uma conversa espontânea com os estudantes que participaram da oficina. No diálogo com eles tivemos a oportunidade de saber se eles já haviam estudado o assunto, se têm conhecimento sobre as classes de palavras, sobretudo, os verbos, e o que eles acham das aulas de português. Para visualizar o que foi encontrado, fizemos dois quadros, um para o sexo feminino e outro para o masculino.

Quadro 3: Dados da entrevista com as alunas que participaram da oficina			
ESTUDANTE	ESTUDOU SOBRE AS CLASSES DE PALAVRAS?	ESTUDOU SOBRE O IMPERATIVO?	OBSERVAÇÕES
A	Iniciando	Não	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Português é sua disciplina favorita.
C	Sim	Sim	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Conseguiu identificar o verbo. Já estudou sobre o modo imperativo, porém não sabe o que ele expressa. Acha as aulas cansativas porque a professora interrompe e repete muito.
Ci	Sim	Não	Usou modo imperativo

			associado ao subjuntivo. Lembra pouco do conteúdo. Gosta das aulas de português.
E	Sim	Não	Usou modo imperativo associado ao subjuntivo. Não conseguiu identificar o verbo. Admitiu que se esqueceu do conteúdo e acha que a mudança de escola pode ter contribuído para isso.
H	Sim	Não	Esta aluna usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Disse que gosta de da disciplina, mas diz não lembrar do conteúdo das aulas. Admitiu preferir a antiga professora.
La	Sim	Não lembra	Esta aluna usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Não gosta de português porque acha a professora chata por cobrar muito dela.
Lo	Sim	Sim	Esta aluna usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Conseguiu identificar o verbo e o modo, porém não percebeu que estava usando. Acha as aulas cansativas por causa do conteúdo.
M	Não	Não	Usou modo imperativo associado ao indicativo e imperativo associado ao subjuntivo. Não gosta de português porque se acha ruim nessa disciplina.
T	Não	Não	Usou verbos no infinitivo. Gosta da disciplina, porém tem dificuldade.
Y	Sim	Não	Esta aluna usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Gosta das aulas, porém, são desorganizadas e o professor tem dificuldades para ministrá-las. Conseguiu identificar o verbo na frase que escreveu.

Fonte: Elaboração da autora

Como pode ser observado no quadro acima, apenas duas alunas admitiram que já haviam estudado o modo imperativo. É interessante perceber que elas já sabem sobre o assunto, porém não percebem que estão fazendo uso do imperativo, ou não entendem o que o modo expressa. Cremos que essa não percepção pode estar relacionada com uma metodologia de ensino de língua fragmentada, pois observamos a dificuldade de perceber os usos linguísticos e a falta de consciência da língua. Ou seja, há uma dificuldade na transposição do que elas aprenderam nas aulas de línguas para o texto, ou até mesmo relacionar texto e língua. Tal fato está na contramão da atual proposta para o ensino de língua, que é uso consciente.

Seguiremos agora com o quadro que traz as informações conseguidas com os estudantes do sexo masculino. Veja abaixo.

Quadro 4: Dados da entrevista com os alunos que participaram da oficina			
ESTUDANTE	ESTUDOU SOBRE AS CLASSES DE PALAVRAS?	ESTUDOU SOBRE O IMPERATIVO?	OBSERVAÇÕES
J	Sim	Não	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Conseguiu identificar o verbo na frase. Gosta da disciplina e tem boas notas.
JC	Não respondeu	Não	Usou verbos no infinitivo e o modo imperativo associado ao indicativo. Não gosta de português, acha as aulas chatas. Não justificou o motivo.
JRC			O aluno não elaborou frase.
L	Não	Não	Não elaborou frase.
LG	Não sabe	Não	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Gosta pouco da disciplina.
ML	Sim	Sim	Usou o modo imperativo associado ao indicativo. Não se lembrou do modo imperativo. Disse que gosta das aulas de português.
MV	Iniciando	Não	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Não gosta da disciplina por causa do conteúdo.

P	Sim	Lembra pouco	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Não conseguiu identificar o verbo na frase. Gosta da disciplina, mas sente preguiça.
R	Sim	Não	Usou o modo imperativo associado ao subjuntivo. Admitiu que não se lembra do conteúdo. Gosta das aulas de português.
V	Sim	Não	Usou verbos no infinitivo. Gosta de português, mas acha o conteúdo irritante. Ele estava estudando sobre sujeito.

Fonte: Elaboração da autora

Entre os estudantes do sexo masculino, apenas um afirmou que já estudou sobre o modo imperativo, porém ele não se lembra. Portanto, 90% dos alunos não ouviram falar do modo imperativo, 50% dos alunos admitem ter estudado as classes de palavras, no entanto, apenas um aluno conseguiu identificar o verbo na frase.

É interessante observar esses dados e as produções dos alunos, pois percebemos que a maioria deles, de ambos os sexos, ainda não tem conhecimento sobre o modo imperativo consciente, porém, eles o realizam muito bem. Isso comprova que eles se apropriaram da língua e que de alguma forma estão aprendendo, seja através dos bombardeios da publicidade, seja na própria escola, com gêneros. Isso prova que temos uma gramática internalizada da língua.

3.3. Casos especiais

Gostaríamos de apontar alguns casos que consideramos interessantes. O primeiro deles é da aluna ME que fez algo bem curioso. Ela elaborou a seguinte frase “*Cuida bem do seu livro com amo e carimho não deixi molhar*”³. Como pode ser visto, a aluna tem alguns problemas de escrita, mas o que desejamos apontar é que ela usou tanto o modo imperativo associado ao indicativo (*Cuida*) quanto o imperativo ligado ao subjuntivo (*deixi*). Conversando com esta aluna, ela admitiu que ainda não estudou as classes de palavras e o modo imperativo. Ela também afirma que não gosta da disciplina porque se acha ruim em português. Percebemos que a estudante apenas não está consciente do seu conhecimento, pois ela empregou muito bem o imperativo, embora

³ A frase foi reproduzida exatamente como a estudante registrou.

figure a ‘mistura’ de tempos. Na frase afirmativa, a aluna usa o *cuida*, imperativo associado ao indicativo, e na negativa, usa o *deixe*, forma do subjuntivo. Scherre (2007), que fez estudos do uso do imperativo na fala e na escrita, afirma que é uma tendência na região do Sudeste usar o imperativo associado ao indicativo, porém a partícula negativa anteposta ao verbo favorece o uso da forma ligado ao subjuntivo. Os dados dessa aluna refletem bem os estudos da pesquisadora.

O segundo caso é do aluno JC. Ele produziu as seguintes frases: “*Não rasgar o livro.*” “*Não come no livro.*” “*Não sujar o livro.*” Por duas vezes, ele usou verbos no infinitivo e, em uma frase, usou o modo imperativo associado ao indicativo. O interessante é que ele emprega a forma imperativa menos frequente observada por Scherre (2007), pois é raro ver sentenças com negação pré-verbal acompanhadas do verbo conjugado no imperativo associado ao indicativo, no entanto, a negação não impede que isso ocorra.

O terceiro caso é do aluno ML, ele criou a seguinte frase: “*Não rasga o livro nem pega o livro com as mãos suja. Se você não suja o livro você pode ver outros.*” Aqui também encontramos uma ocorrência de uso da negação pré-verbal junto com o imperativo associado à forma indicativa. É semelhante ao caso anterior. O que nos chamou a atenção é que o aluno fez uso do imperativo associado ao indicativo na frase do seu cartaz e na ilustração do trabalho desenhou livros e, acima de um deles, escreveu: “*não rasgue o livro.*”. Isso revela que o aluno tem conhecimento das duas formas, supomos que talvez a sua oralidade esteja influenciando a sua escrita.

O quarto, e último, caso é do aluno V. Nas frases elaboradas por ele foram usados verbos no infinitivo, porém, no momento da explicação sobre o que eles iriam produzir, esse aluno teve muitas dúvidas, e nós buscamos esclarecê-las da melhor forma. Em umas das tentativas de sanar os questionamentos, pedimos ao aluno que se dirigisse ao colega que estava do lado e dissesse para ele o que deveria fazer. Nesse momento, o aluno usou o imperativo associado ao subjuntivo.

Capítulo 4: Considerações Finais

Essa pesquisa investigou o uso do imperativo no português brasileiro focalizando a escrita de um grupo de alunos das escolas municipais de Belo Horizonte que participam do *Programa Escola Integrada*. Para o nosso estudo, consideramos a polaridade e a variante sexo.

Os dados foram gerados em uma oficina sobre cuidados com o livro, promovida pela biblioteca de umas das escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Contamos com a participação de 20 alunos nessa ação. O produto dessa atividade foram os cartazes que os participantes elaboraram sobre os cuidados que devemos ter com os livros, produzidos para uma campanha de conservação do material, patrocinada pela biblioteca da escola. O texto que eles escreveram gerou o *corpus* dessa pesquisa que teve o objetivo de verificar como os alunos usam o modo imperativo.

Estudos evidenciaram que o modo imperativo já não é usado em total conformidade com a gramática tradicional, que prescreve que o modo imperativo deriva do presente do indicativo, para a 2º pessoa (tu e vós) e presente do subjuntivo, para as demais pessoas (você, ele/ela, nós, vocês, eles/elas) e para o imperativo negativo. Ocorre que os usuários da língua têm alternado as formas relacionadas ao imperativo quando a referência é a 2º pessoa do singular. Ora eles utilizam a forma indicativa, ora usam a forma subjuntiva, sem observar o contexto do pronome *tu* e do pronome *você*.

Scherre (2007), que realizou inúmeros estudos sobre o imperativo, aponta o fator geográfico com um dos aspectos que contribuem para essa variação. Em seu trabalho, ela evidenciou o uso de 90% do imperativo associado ao indicativo (olha/anda/faz) na fala das regiões Sudeste e Centro-Oeste. No Nordeste, esse uso é de cerca de 50% na fala de Recife, podendo atingir 30% em Salvador, João Pessoa e Fortaleza, áreas de predomínio do imperativo associado ao subjuntivo (olhe/ande/faça). No Sul, com exceção da cidade de Lages, predomina o uso do imperativo associado ao indicativo.

Além da geografia, os aspectos linguísticos também ajudam o processo de variação da expressão do imperativo. Vimos, por exemplo, que a gramaticalização/pronominalização do *você*, que foi inserido no sistema pronominal

como 2ª pessoa do discurso e 3º pessoa gramatical, contribui razoavelmente para a variação, pois também apresenta uso diversificado, já que concorre com o pronome *tu*.

Observamos também, através das pesquisas de Scherre (2007), que a polaridade (afirmativa/negativa) das sentenças pode favorecer uma forma ou outra. As construções afirmativas tendem ao favorecimento do imperativo associado ao indicativo. Já as frases negativas tendem a favorecer o imperativo associado ao indicativo quando a partícula negativa está posposta ao verbo. A dupla negação também favorece essa forma. Quando a negação está anteposta ao verbo, o imperativo associado ao subjuntivo é favorecido.

Vimos ainda, nos estudos de Cardoso (2009), que a ausência/presença do pronome pode preferir a forma indicativa ou a forma subjuntiva. A ausência do pronome aumenta o número de ocorrências da forma imperativa associada ao indicativo. Na presença do pronome *tu*, há uma tendência ao favorecimento da forma imperativa associada ao indicativo. Inversamente, a conjuntura do pronome *você* favorece o uso do imperativo associado ao subjuntivo.

E, por fim, observamos o papel das âncoras discursivas, apontadas por Scherre (2007). Elas têm a função de assegurar a leitura diretiva do imperativo, uma vez que as construções imperativas em que se manifesta o uso da forma indicativa precisam de um apoio para ser interpretada como impositiva. De acordo com a pesquisadora, isso ocorre por causa da perda da distinção morfológica entre as formas do imperativo e do indicativo.

Com base nesse pressuposto teórico, analisamos os dados e evidenciamos a ocorrência de 62,06% do imperativo associado ao subjuntivo. Constatamos também que 65% dos alunos que participaram da oficina preferiram o imperativo associado ao subjuntivo. O ocorrido nos surpreendeu, pois esperávamos mais manifestações do imperativo associado ao indicativo, uma vez que Scherre (2007) evidenciou, tanto na fala quanto na escrita, maior ocorrência dessa forma. Suspeitamos que a escolha do gênero cartaz possa ter influenciado a escrita dos estudantes, resultando no uso mais frequente da forma subjuntiva.

Atribuímos esse fato às características do gênero cartaz, que por ser de natureza

menos dialógica, pode ter contribuído para a maior ocorrência da forma subjuntiva. Scherre (2007) aponta que gêneros de caráter menos dialógico tendem a favorecer o imperativo associado ao subjuntivo. Para ilustrar esse dado ela cita as propagandas que são menos dialógicas e exploram o modo imperativo associado ao subjuntivo como recurso linguístico para que os interlocutores interpretem o discurso como impositivo. Supomos que os estudantes, ao elaborarem os cartazes, perceberam a necessidade de serem claros, a fim de não deixar dúvidas nos leitores das suas mensagens.

Além das características do gênero trabalhado, devemos considerar o fato de que esses alunos estão inseridos no subsistema de uso exclusivo do pronome *você*, e eles realizaram o modo imperativo de acordo com o contexto pronominal de Minas Gerais.

Como apontado no início desse texto, a polaridade e a variante sexo seriam consideradas para esse estudo. Ao tratarmos da polaridade, evidenciamos uma frequência de 92,85% de uso do imperativo associado ao subjuntivo nas frases afirmativas. O dado encontrado nesse trabalho diverge do que Scherre (2007) identificou nas suas pesquisas, pois ela verifica uma tendência de favorecimento do imperativo associado ao indicativo nas estruturas afirmativas.

Quanto às construções negativas, nesse trabalho, identificamos somente a ocorrência da negação pré-verbal, o que, de acordo com Scherre (2007), pode favorecer o uso do imperativo associado ao subjuntivo. Evidenciamos a frequência de 62,5% de uso do imperativo associado ao subjuntivo nas sentenças negativas, porém não podemos deixar de notar a frequência relevante de 37,5% de uso do imperativo associado à forma indicativa nas sentenças negativas. Segundo Scherre (2007), são casos menos frequentes, porém, a negação pré-verbal não restringe o uso diversificado do imperativo. Cardoso (2006) acrescenta que o português brasileiro prefere a negação pré-verbal, mas isso não impede a ocorrência do imperativo na forma indicativa nesse ambiente.

A variante sexo, observada nessa pesquisa, mostrou que não há um uso equilibrado do imperativo entre os estudantes do sexo feminino e os do sexo masculino, pois 80% das alunas preferiram o imperativo associado ao subjuntivo e 50% dos alunos usaram a mesma forma. Apesar de haver um diferencial considerável no uso do imperativo associado à forma subjuntiva, notamos maior preferência por esse uso.

Diante desses dados, apontamos que a nossa hipótese de que alunos usariam mais a forma indicativa não se confirma, em função das características gênero do escolhido. Apontamos a possibilidade de, no futuro, o modo imperativo ser estudado nos mais diversos gêneros, sobretudo os não dialógicos, pois tal pesquisa nos proporcionaria melhor compreensão sobre o comportamento desse modo.

Com a finalidade de observar indícios do processo de aprendizagem do modo imperativo na educação formal, realizamos uma conversa informal com os vinte alunos que participaram da oficina. Eles responderam a perguntas sobre o modo imperativo, sobre as classes de palavras e sobre as aulas de português. No diálogo com os estudantes, percebemos que, das dez alunas entrevistadas, sete já estudaram as classes de palavras, uma está iniciando os estudos de classes e duas não estudaram. Das alunas que já estudaram as classes de palavras, apenas duas afirmaram ter estudado o modo imperativo. Ao perguntar para elas se perceberam o uso do imperativo no texto, responderam que não, disseram também que não sabiam o que expressa o imperativo, apesar de terem estudado. Quanto aos estudantes do sexo masculino, identificamos que, os dez alunos que participaram da oficina, cinco afirmaram que já estudaram as classes de palavras, apenas um aluno admitiu ter conhecimento do imperativo, porém não sabia do que se tratava.

É interessante observar que do grupo de vinte alunos doze estudaram as classes de palavras, isso implica o estudo do verbo, em algum momento, porém, observamos que somente três alunos afirmaram ter estudado o imperativo. Tal fato nos faz refletir sobre o ensino do imperativo, porque esses doze alunos estudaram classes de palavras, estudaram verbos, mas o que aprenderam sobre verbo se eles não demonstram condições de responder a perguntas básicas sobre o verbo, pois estudar o verbo implica estudar os modos verbais, os tempos verbais etc. Será que as instituições de educação têm alguma dificuldade para tratar o imperativo? Será que elas tratam o imperativo com a mesma importância de que tratam os outros modos? O modo imperativo é tão presente e usado quanto os outros modos, além disso, as crianças logo nos primeiros anos de vida já entendem um discurso imperativo. Então questionamos qual a dificuldade em tratar de um assunto que os alunos já sabem bem. Certamente o apego exclusivo às prescrições tradicionais pode dificultar esse trabalho, uma vez que ela não está totalmente em consonância com o português atual. Tentar entender como acontece o

processo de ensino e aprendizagem do imperativo, ou seja, como as escolas lidam com esse modo, se ensinam adequadamente ou se oferecem uma proposta superficial, pode ser tema de futuras pesquisas no campo da educação, sobretudo, ensino de língua.

Outro ponto interessante que constatamos nesse trabalho é que a maioria dos alunos afirma não conhecer o modo imperativo, porém, na escrita deles é possível observar que usam o modo sem dificuldade. Acreditamos que esses estudantes não estão conscientes do quanto entendem o imperativo, porque eles produziram discursos coerentes e em conformidade com a gramática tradicional, pois a maioria deles escolheu o imperativo associado ao subjuntivo na conjuntura do pronome *você* implícito. De acordo com a fala desses alunos, inferimos que eles não aprenderam o imperativo na escola, portanto, eles refletem na sua escrita aquilo que captam dos discursos imperativos aos quais estão expostos. Citamos, como exemplo, a indústria do marketing que investe pesado em publicidade, bombardeando a todos nós com seus discursos impositivos, a fim de nos convencer a adquirir o produto comercializado. Scherre (2007) afirma que as propagandas brasileiras tendem a usar mais o imperativo associado ao subjuntivo em seus discursos. Supomos que o conhecimento sobre o imperativo desses estudantes também seja proveniente da exposição à publicidade e, por isso, eles manifestaram mais o imperativo na forma subjuntiva, uma vez que o gênero cartaz e o gênero anúncio publicitário têm natureza semelhante. Acreditamos que a escola também tem a sua parcela de contribuição nesse processo, pois, em algum momento, ela pode ter proposto aos estudantes algum trabalho com gêneros textuais que explorem o imperativo como recurso linguístico, porém sem tratar desse aspecto. Ocorre que, no momento da exposição, os alunos, de alguma forma, se apropriam desse conhecimento. O que, mais uma vez, corrobora a ideia de que vamos internalizando a gramática de uso da nossa língua.

E, finalmente, apesar desse trabalho ter se encaminhado para o uso mais tradicional do modo imperativo, em função do gênero textual trabalhado, podemos observar, nas pesquisas de Scherre (2007) e Cardoso (2006), que o modo imperativo está em variação e demonstra uma preferência pela forma indicativa, ou seja, a configuração desse modo se alterou. São poucas as gramáticas que admitem essa mudança, por isso, as pesquisas acadêmicas são tão relevantes, pois elas nos atualizam sobre a língua e nos faz refletir sobre ela. Acreditamos também na importância dos

docentes buscarem esse conhecimento para subsidiar as aulas e também usá-lo em sala, claro, na medida do possível, a fim de encurtar a distância entre a língua dos alunos e a língua que o professor ensina. Fazendo assim, o docente terá um conhecimento cada vez melhor, estará atualizado e deixará de ser um reprodutor de conhecimentos obsoletos. O fato é que a variação do modo imperativo está aí, está posta, porque a língua é mutável como quase tudo no universo. Essa situação não pode ser ignorada, deve ser reconhecida e tratada da melhor maneira possível.

Por último, gostaríamos de ressaltar que não temos nenhuma intenção de fazer generalizações relativas ao uso imperativo. O que ocorreu nessa investigação foi a descrição de uma situação muito específica.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. O imperativo gramatical no português brasileiro. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.14, n. 02, p. 317-340, 2006.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 153p. (Tese de doutorado em Linguística).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Pequena Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 2ª ed. de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

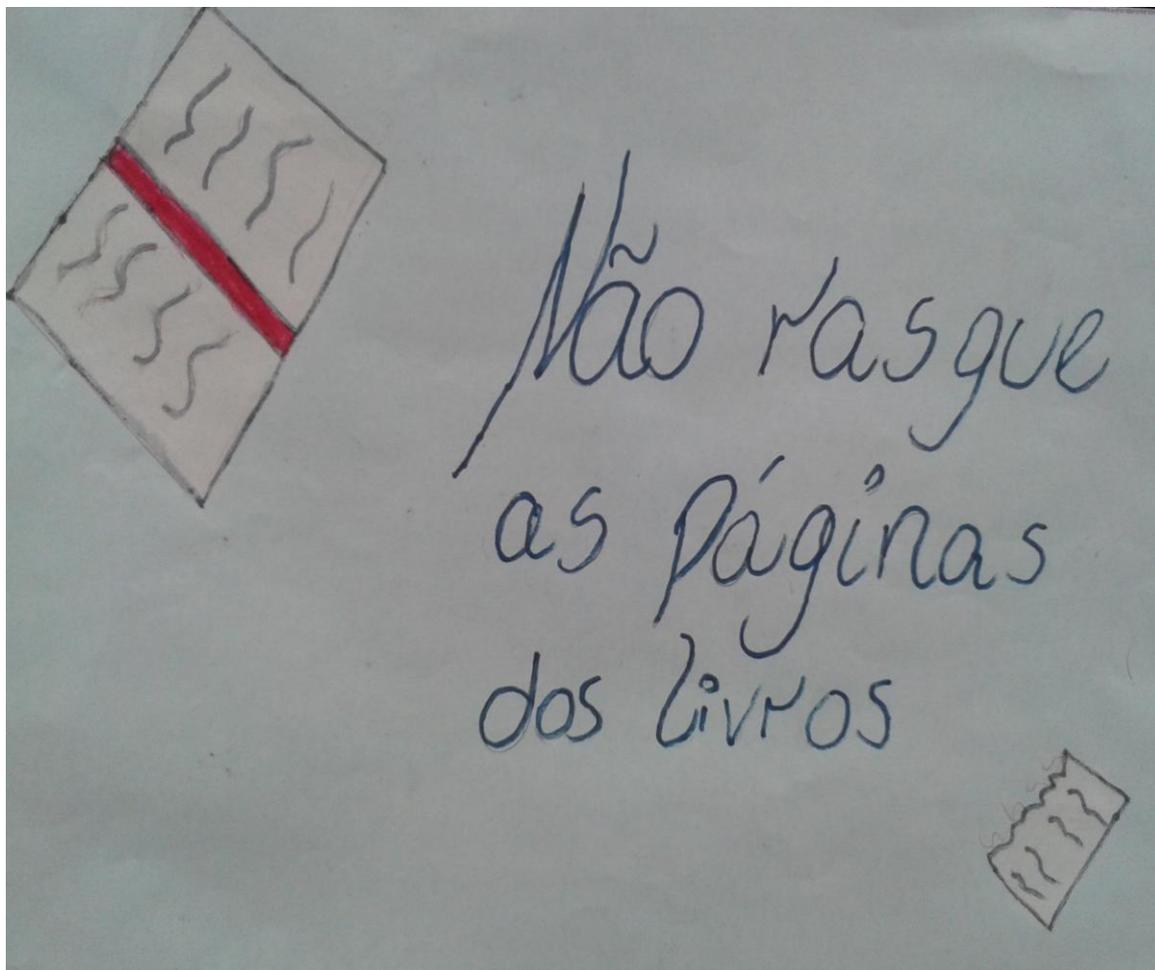
LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

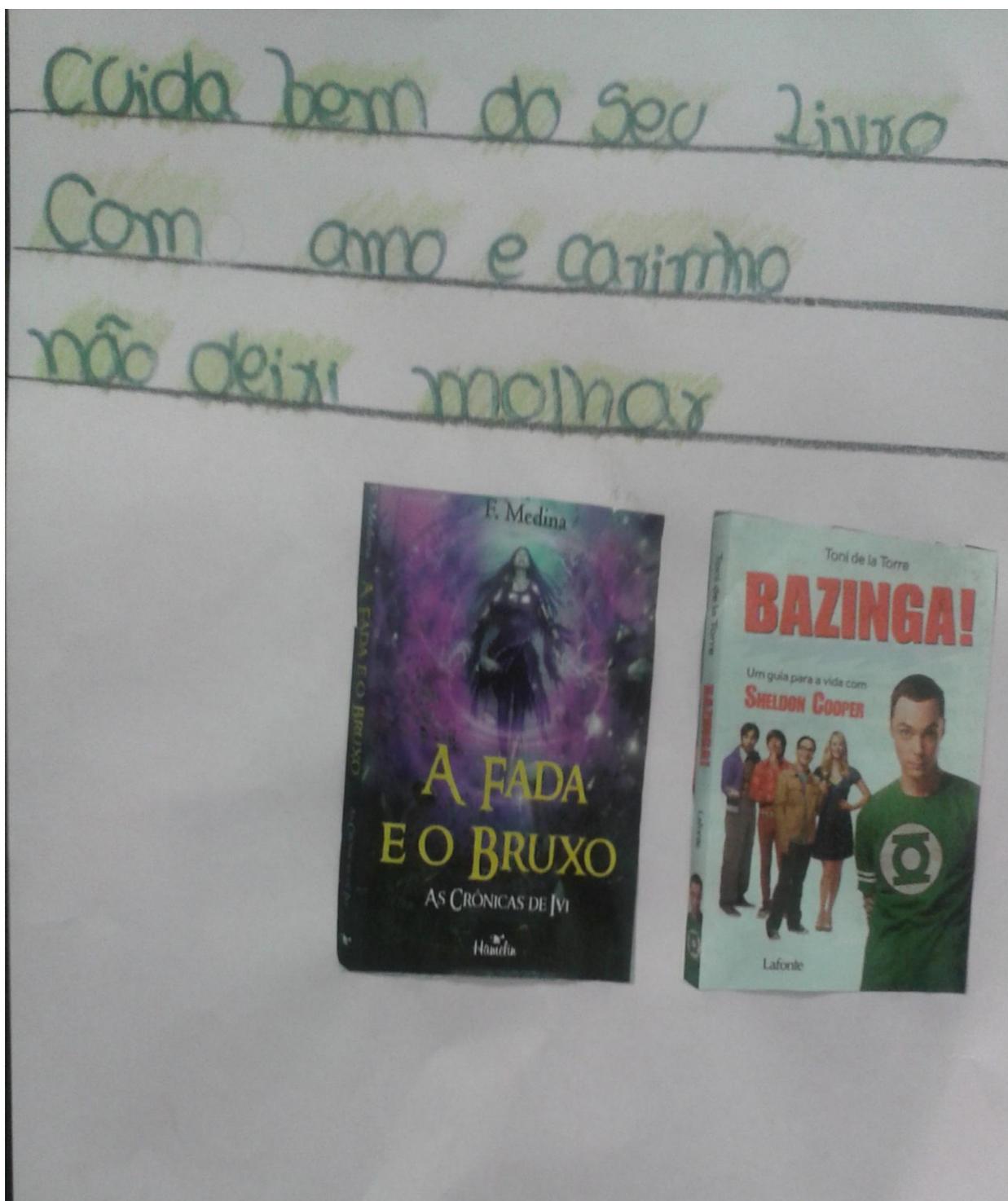
SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.01, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. Reflexões sobre o imperativo em português. *D.E.L.T.A.*, v.23, p. 193-241, 2007.

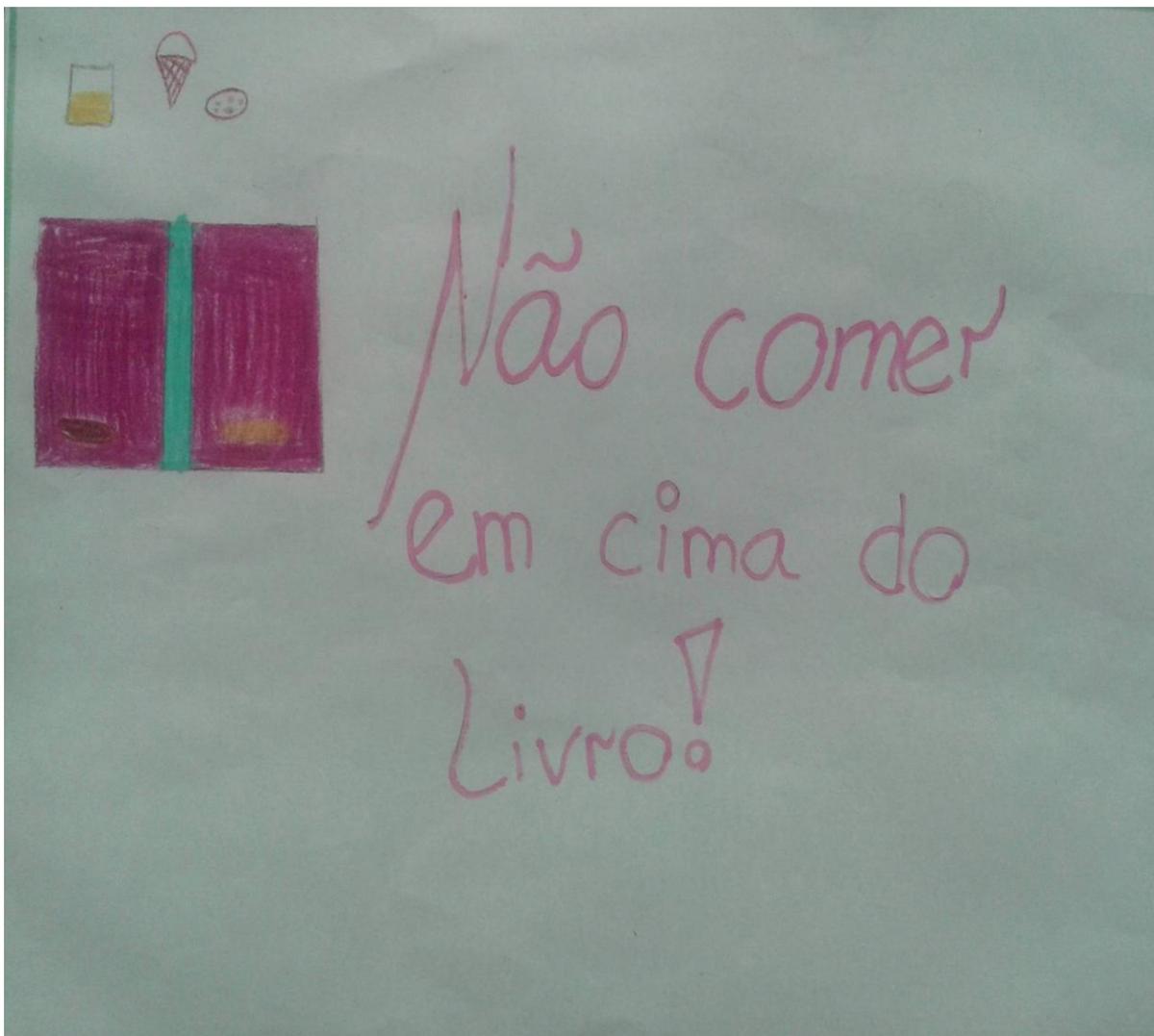
ANEXO 1



ANEXO 2



ANEXO 3



ANEXO 4

